



A ATUALIDADE DA TEORIA DO VALOR EM MARX: um debate a partir da pandemia do covid 19

REMIJO, Alcides Pontes¹

BARBOSA, David Oliveira de²

RESUMO: O artigo pretende abordar a atualidade da teoria do Valor em Marx, e demonstrar que suas leis gerais de desenvolvimento são atuais e comprovadas durante a Pandemia do COVID-19. O artigo inicia o debate apresentando a centralidade do trabalho para produção do valor, trabalho esse que nos referimos o trabalho abstrato produtor de mercadorias, neste sentido um trabalho alienado/estranhado, permeado por uma forma alienadora e estranhada. O movimento de precarização estrutural do trabalho, que com intensidades diferentes ganha um aceleração após a introdução da 3ª revolução tecnológica e o trabalho toyotizado, ocorre um salto qualitativo, nesta transição para 4ª revolução tecnológica sob o trabalho urberizado. Como consequência o processo de adoecimento da classe laboriosa e durante a pandemia seu maior contágio por COVID-19 e como resultado hospitalizações e mortes destes/as trabalhadores/as, desta forma o artigo busca problematizar essa situação além de realizar a tarefa da denúncia.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia COVID-19; Saúde do/a Trabalhador/a; Teoria do Valor.

INTRODUÇÃO

Os últimos 50 anos ocorreu saltos qualitativos no desenvolvimento das forças produtivas, a descrever, a informática, nanotecnologia, robótica, o desenvolvimento da manipulação da Genética, desenvolvimento de tecnologia da informação, maquinário automatizado entre outros, essas inovações não resultaram necessariamente em uma melhoria absoluta da classe trabalhadora, em especial na sua saúde, e condições de vida. Pelo contrário, o desenvolvimento das forças produtivas desenvolveu formas de precarização como o Toyotismo e a Uberização, o qual classificaremos por trabalhadores que são vinculados a aplicativos de serviços, motoristas e entregadores.

Durante a implementação da 3ª revolução industrial provocou uma tendência inexorável de diminuição da força de trabalho e uma tendência de retração e até extinção do trabalho produtivo para o Capital. Para listar alguns desses teóricos podemos citar André Gorz, Clauss Offe, Dominique Medá, Jean Lojkin entre tantos outros pensadores em especial pensadores que partem da ideia do (neo)liberalismo como pensamento econômico

¹ Doutorando do Programa de Pós Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Professor Adjunto do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Goiás.

² Mestrando do Programa de Pós Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Advogado trabalhista.



e circulacionista, e advogam que a capitalização do capital não ocorre na esfera da produção, mas na esfera da circulação. Os autores apesar de diferenças entre eles há um fio condutor comum que de forma até aforística o qual podemos resumir onde o trabalho está em contração à classe trabalhadora (tradicional) e toda forma de análise sociológica predominante no século XX sob a égide da indústria fordista.

Aos apontar que a classe trabalhadora está em desaparecimento, atinge-se o cerne da teoria do valor em Marx, visto que, segundo o mesmo autor, a produção do valor de uma mercadoria é trabalho abstrato tempo de trabalho social, e não contamos o trabalhador de forma individual como um carpinteiro ao fazer uma cadeira, mas o trabalho global, incluindo os gastos para a circulação da mercadoria (MARX, 2008). Ora se o trabalho está em vias de desaparecimento a produção do valor também está em vias de desaparecimento.

A negação da teoria do valor é peculiar a atual conjuntura do capitalismo e sua forma imperialista com a hipertrofia do sistema de finanças do capital, a falsa valorização do capital pelo sistema das bolsas de valores pelo capital especulativo. Uma nota breve, no livro 3 de “O Capital” Marx (2020) analisando o processo global do capital ele (e Engels) expõe a categorização de como a mais-valia é distribuída pelo capital social total, financeiro (bancário e finanças), capital do comércio, o capital industrial e a renda da terra. Com a hipertrofia do capital especulativo há uma forma de manipulação aparente em que o capital está se valorizando pelas finanças e não passando pela produção. A título de exemplo a Petrobrás se valorizou 445,76%³ suas ações e o tamanho da empresa em seu auge antes da crise e a tentativa de seu desmonte chegou a triplicar o seu trabalho e seus investimentos produtivos na extração, refino e distribuição de petróleo⁴. Observamos que mais de 145% de valorização meramente especulativa sem corresponder com o aumento do patrimônio da empresa e a capacidade de produção.

Entretanto, observamos no último um ano e meio da pandemia que a produção e circulação do capital necessita de carne e músculos humanos. A pandemia do COVID-19 e suas formas de enfrentamento ao processo de contaminação e disseminação do referido vírus se utiliza também do distanciamento social, o que impediu a manutenção de vários setores da produção, como a indústria do entretenimento, setores de serviços como bares e restaurantes, a rede hoteleira além do comércio a varejo e até atacado, setores industriais pararam como forma de contenção da pandemia, ou mesmo tiveram suas atividades retraídas até por falta de insumos que é produzida em outros países, em especial a China

³ Acessado em <https://invest.exame.com/me/as-campeas-de-valorizacao-na-bovespa-nos-ultimos-20-anos> no dia 23 de maio de 2021 as 14:00.

⁴ Acessado em https://petrobras.com.br/sitepetrobras/public/documento_cenarios-estrategicos_petrobras.pdf no dia 23 de maio de 2021 as 14:00.



que tem adotado medidas mais restritivas de enfrentamento ao Covid-19. Essa travagem na produção em quase todo mundo capitalista provocou um desespero por parte do capital e da grave crise econômica que desta decorre. A pandemia do COVID-19 se torna do ponto de vista comprovação das leis econômicas de Marx.

O artigo pretende esboçar a constatação da lei do valor, perpassa recolocar o que Marx compreende como processo de valorização do capital e as consequências para classe trabalhadora como manifestação da lei geral da acumulação capitalista. A partir de uma análise crítica e ontológica a lei do valor trabalho há determinações que só podem ser explicadas pelas lutas de classes doravante, neste artigo, deve abordar mesmo que sumariamente as lutas de classes nesse período. Relacionar a atual conjuntura no mundo do trabalho no Brasil, demonstrando a partir da perspectiva das contrarreformas e o recrudescimento do Estado na perspectiva conservadora, acentua a tendência de degradação do trabalho. Após essa formulação nós relacionamos o processo da pandemia do COVID-19 como comprovação da teoria do valor em Marx.

As fontes utilizadas para subsidiar as conclusões aqui expostas neste artigo foram fruto de pesquisa bibliográfica de pesquisas que retratam o mundo do trabalho e condições de trabalho, além de consultar teses, dissertações, livros, sites acadêmicos, artigos e demais indexações editoriais acadêmicas. No que tange a pesquisa documental recorrendo a fontes primárias e fontes secundárias em documentos oficiais, leis, sites do IBGE, ISPER/RAIS, Dados do DATASUS, Dados do INSS.

2. ELEMENTOS INTRODUTÓRIOS DA TEORIA DO VALOR EM MARX

A Economia Política não nasce do acaso como um raio em céu azul. Ela é fruto de um longo processo de maturação e descoberta do Gênero Humano que a desenvolveu até ocorrerem avanços em direção a uma ciência que pode apreender a produção e reprodução do ser social. A base material vai proporcionar o avanço do processo científico da economia política, como também sua decadência⁵. Alguns apontamentos dessa ciência em conformidade com sua base material podem ajudar a debatê-la de forma que contribua para o nosso estudo. Vamos começar por uma simples indagação: em qual período histórico seria necessário para a humanidade desenvolver uma ciência que pretende compreender as relações sociais de produção? A partir do desenvolvimento de forças produtivas onde será

⁵ A discussão acerca da ascensão e decadência da Economia Política não é fonte de trabalho exegético desse artigo, por isso trataremos de forma breve, contudo os autores assume a necessidade de aprofundar na temática. Para a dissertação buscamos algumas fontes para o debate como Lukács e Leo Huberman, assim como a própria economia política, porém a temática já foi exposta por Marx nos Grundrisse e n' O Capital.



possível e necessário compreender a fonte de sua riqueza para proporcionar mais riqueza — esse era o anseio da classe dominante desejosa de organizar seus capitais para tirar melhor proveito da economia e/ou conhecer as fontes das crises econômicas para então evitar a quebradeira de empresas e a fome da camada mais miserável da população (aqui invocando a racionalidade que pode ser atribuída ao Estado como um mediador racional da sociedade, portanto da economia, o pensador que melhor expõe essa formulação foi Hegel).

A primeira escola foi o mercantilismo, também conhecido como metalismo ou builionismo, esses autores compreendiam que a riqueza era ouro e prata, pairava uma questão como os países que não produziam esses metais preciosos poderiam enriquecer, pelo comércio. Produziam produtos para serem trocados com as nações produtoras de metais preciosos.

Em contraposição ao mercantilismo e a ascensão da burguesia, uma teoria reacionária (legitimação do passado) surge a fisiocracia, o grande mérito desses autores é de trazer na cena que o trabalho era fonte de riqueza trabalho este que não poderia ser compreendido como trabalho em geral, apenas das classes produtoras agrárias, no caso o camponês e o mineiro visto que para esses autores o valor era construído pela relação com a natureza.

O surgimento de modo correto da problematização do valor surge com a Economia Política Clássica. Esta ciência compreende que no mundo capitalista, a riqueza provém do trabalho, em geral, que o valor da mercadoria provém da confluência entre capital circulante (matéria prima, força motriz, materiais acessórios e trabalho) e capital fixo (galpões e maquinário), ambos produtos do trabalho humano. A acumulação do capital para esses autores vem do comércio na precisa medida entre demanda e oferta, as mercadorias são produzidas pelo seu valor e o lucro é uma equação entre demanda e venda. O salário pago os (as) trabalhadores (as) são o equivalente ao valor por eles criado.

Oportuno se faz mencionar que, esse campo da Economia Política Clássica ficou conhecida como teoria liberal visto que, ao contrapor elementos do Estado Absolutista como o monopólio do comércio e defender a livre iniciativa privada, ou melhor o capital privado.

Em relação a contraposição da teoria do valor desenvolvida pelo liberalismo clássico Marx irá construir uma teoria do valor trabalho autêntica. Assim podemos começar a expor categorias simples para as categorias mais complexas. A circulação simples de mercadoria difere radicalmente quando emerge a sociedade onde as mercadorias passam a ter um elemento a mais: serem portadoras de valorização do capital previamente investido. O aumento de capital passa a ter em seu processo de produção, uma circulação expressada



D-M-D'⁶. Para o processo de reprodução do capital de forma ampliada, é necessário que o dono do capital o invista produtivamente, sendo capaz de captar um novo valor (trabalho) — dessa forma, a fórmula desenvolvida seria D-M[P]M'-D'⁷. Quando o capitalista consome as mercadorias, força de trabalho e meios de produção, (P), a nova mercadoria já tem em si um valor excedente que, após a venda, ele pode separar o capital inicial e retirar seu excedente, aqui vamos chamar de lucro. Assim, o dono do capital pode aplicar uma parte desse excedente acrescentando ao capital originário e o novo ciclo do capital será um ciclo com um capital ampliado.

O capital produtivo vai dividir-se em dois: um personificado em capital constante, que é representado em maquinaria, matéria-prima, galpões, edificações e força motriz, como combustíveis. Esse capital é o trabalho morto, ou seja, é um trabalho que não gera novo valor. O capital constante não gera nenhum valor novo, contudo, para o burguês que investiu no setor metalomecânico, por exemplo, e se utiliza de prensas para estampar a lataria dos veículos, gerou um novo valor, e este valor gerou um lucro para o capitalista que produz máquinas. É através da força de trabalho que se pode transferir o valor que está contido na prensa para a nova mercadoria. A força de trabalho é uma mercadoria tão privilegiada para o capital que ela é capaz de pagar-se durante a jornada de trabalho, seja ela comprada por um mês ou por uma semana, e criar uma quantidade de valor que excede o valor da força de trabalho. O trabalhador e sua família têm que consumir uma quantidade de mercadorias para sobreviver, este será o valor de sua força de trabalho. As mercadorias necessárias para a reprodução do trabalhador e de sua família é o valor de sua força de trabalho e a expressão monetária que será pago por um salário.

Abordaremos, agora, a tendência universal do capital — a sua lei geral da acumulação capitalista — e sua particularidade histórica da superexploração do trabalho na periferia do capital, como processo de desgaste da classe trabalhadora. É óbvio que sua manifestação vai ter diversas expressões, visto que em cada país a burguesia e o proletariado têm traços culturais distintos e, por sua vez, a imposição da dominação da classe burguesa terá peculiaridades distintas, mas isso não irá tolher os traços gerais da acumulação capitalista. Para expor a lei geral da acumulação capitalista será necessário abordar sumariamente o processo de concentração e centralização do capital. A cada ciclo da reprodução, o burguês vai consumir uma parte do excedente, criando um terceiro setor

⁶ Na circulação do capital dinheiro ele passa por outra circulação que não é a mesma da circulação simples M-D-M, neste caso, como já dito no texto acima não se criou um novo valor, mas na circulação D-M-D' ocorreu um processo de valorização onde o primeiro D (dinheiro) no final do circuito aumentou seu valor, um dinheiro que está acrescido de uma quantidade maior de dinheiro, que para o burguês é lucro.

⁷ A fórmula desdobrada do capital dinheiro acima significa D (dinheiro) – M (Mercadoria) – P (produção) – M' (Mercadoria acrescida de um novo valor) – D' (Dinheiro acrescido de novo valor).



de produção industrial destinados a produtos de luxo, e se for inteligente vai aplicar uma parte significativa de sua quota da mais valia que lhe coube e, ao aplicar, o seu capital será sempre de forma ampliada. Com isso os capitalistas que não conseguem ou produzir com mesmo nível técnico ou com o volume de capital necessário agora para aquela produção ele pode migrar seu capital para outro setor, fechar as portas isso é o processo de centralização, ao passo que empresas são adquiridas ocorre o processo de fusão é o processo concentração do capital. Para a classe trabalhadora isso tem uma vantagem, pois amplia o fundo de trabalho (massa de capital aplicado no capital constante) e, por conseguinte, a massa de assalariados. Em cada ciclo da reprodução do capital ele se acumula, expande-se e amplia seu poder sobre a classe trabalhadora, o que segundo Marx (2008: 716-717), se concentra de um lado cada vez mais capitalistas mais poderosos e deste modo, uma exploração de grandes capitalistas com os pequenos e até médios capitalistas além de toda classe trabalhadora.

O desenvolvimento científico chegou a descobertas sobre como o capital cria uma divisão entre a classe trabalhadora com uma parte dela em pauperismo absoluto e outra em pauperismo relativo sendo esta, a que absorve uma melhoria das condições de vida de uma parte da classe trabalhadora que consome mais e/ou produtos melhores, isso não deixava de ser exploração de uma pobreza relativa. O pauperismo absoluto é a parte da classe trabalhadora que não consegue ter condições abaixo da média da classe trabalhadora.

A última categoria que gostaríamos de apresentar é a superpopulação relativa, uma parte da classe trabalhadora que, devido a ampliação da composição orgânica do capital e ampliação/aplicação da maquinaria, não encontra empregos fixos, e portanto se colocam em uma posição abaixo da classe trabalhadora tradicional. A superpopulação relativa, segundo Marx, assume três formas basicamente: 1) “a flutuante, latente e estagnada” (MARX 2008 p. 744). Segundo Marx a superpopulação relativa flutuante será aquela que devido às oscilações, do mercado capitalista, são absorvidos em momentos de acumulação acelerada, ou demitidos em momentos de contração ou de estagnação, no balanço final a população “no seu conjunto, aumenta o número de trabalhadores, embora em proporção que decresce com o aumento da escala da produção” (idem). 2) O processo de produção capitalista apodera-se na agricultura, e, daí que vai surgir a superpopulação relativa latente, devido o incremento de maquinário, novas técnicas produtivas etc., faz aumentar a produção com o mesmo contingente de trabalhadores, com que uma população excedente desloque do campo para a cidade, assim avolumando a superpopulação relativa na cidade. A terceira categoria de superpopulação estagnada: é aquela “parte do exército de trabalhadores em ação, mas com ocupação totalmente irregular. Ela proporciona ao capital reservatório



inesgotável de força de trabalho disponível. Sua condição de vida se situa abaixo do nível médio normal da classe trabalhadora e, justamente isso, torna-a base ampla de ramos especiais de exploração de capital” (MARX 2008 p. 746).

3. CAPITALISMO E PANDEMIA

A crise estrutural do capital em uma das suas manifestações segundo Mészáros (2006), pode ser percebida quando começa surgir mudanças significativas consolidadas no mundo do trabalho entre o fim dos anos sessenta e início dos anos setenta do século passado, quando, face à crise internacional do petróleo que se instaurou à época, substituiu-se o modelo de acumulação baseado na produção *taylorista/fordista*, sob a égide do Estado de bem estar social, pelo de acumulação flexível, o qual, segundo Antunes (2020, p. 223) se referenciando em Mészáros, assevera que a crise do petróleo de 1973 foi a manifestação da crise estrutural do capital sob a forma capitalista. A crise estrutural é o resultado da tendência expansionista do capital que após a terceira revolução industrial ativa um sistema para manter suas taxas de lucros com a destruição das fontes de criação de valor, a natureza e a força de trabalho.

Essa destruição do meio ambiente tem provocado inúmeras mutações na natureza com o surgimento de novas doenças onde o agente causador de doenças estava em relação com animais e plantas em habitat nativo com a destruição desse ambiente e o contato maior com ser humano ocorre o surgimento de “novas” doenças como foi o caso do Coronavírus.

O Coronavírus compõe uma linhagem de vírus que já era encontrada em animais como camelos, gado, gatos e morcegos. Apesar que em 2003 um surto pelo Sars-Cov3, vírus da mesma família do Coronavírus, eram raros os casos de infecção em seres humanos, fato que se alterou no final do ano passado quando em Wuhan, na China, foram identificadas transmissões em pessoas. O Coronavírus provoca uma Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) em 5% dos casos, em média, e sua alta letalidade está vinculada à grande capacidade de transmissão em relação a outros vírus que provocam doenças respiratórias. Para ilustrar, segundo a Organização Mundial de Saúde no mundo no dia 01 de maio de 2022 522.479.320 pessoas que se infectaram com COVID-19, incluindo 6.238.832 mortes enquanto no Brasil, 30.448.236 pessoas contaminadas e 663.497 mortes⁸.

⁸ Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/coronavirus/casos-no-mundo/> acessado em: 06 de junho de 2021



Para ilustrar vamos apresentar algumas manifestações das categorias econômicas de Marx no próprio

Os efeitos da pandemia de covid-19 sobre a economia colocam 81% da força de trabalho brasileira em situação de vulnerabilidade, com riscos de perda de emprego e renda. O número é muito superior ao percentual do período de março a meados de abril de 2019, quando 40% dos trabalhadores se encontravam em situação semelhante. Em números absolutos, agora são ao todo 75,5 milhões de trabalhadores no Brasil que enfrentam graus variados de vulnerabilidade, conforme indica um estudo da Rede de Políticas Públicas & Sociedade. “O resultado líquido da pandemia é a duplicação do contingente de trabalhadores que vivem sob riscos de saúde/epidemiológicos e econômicos”, afirmam os pesquisadores da rede em nota técnica divulgada na última sexta-feira (17). Segundo Ian Prates, pesquisador do Cebrap e um dos autores do estudo, a vulnerabilidade dos trabalhadores foi calculada com base na estabilidade dos vínculos de trabalho, no desempenho econômico de diferentes setores durante a crise causada pelo novo coronavírus e a classificação do governo federal usada para definir cada setor como essencial ou não essencial durante a pandemia. “O tipo de vínculo é independente da crise, simplesmente mostra a relação dos indivíduos com o mercado, seja autônomo, empregado informal ou empregado com carteira. E a gente acrescentou a dimensão do tamanho ou porte da empresa, (se) são empresas menores, com menor capacidade de capital e de se manter no momento de crise”, explica Prates⁹.

A categoria de desemprego não se explica meramente por uma demanda de pouco ou muito trabalho segundo os liberais, ao menos reconhecem que o trabalho é uma mercadoria, se não apresentavam para eles esse conceito como mercado de trabalho, esta se explica no movimento do próprio capital, onde há momentos de expansão da economia e o crescimento do emprego e ocupação da força de trabalho.

A categoria que chamamos de desemprego na teoria social de Marx se apresenta como a superpopulação relativa nas suas três formas (latente, estagnada e flutuante), como Marx expõe as categorias sociais em aproximações sucessivas isto não resume na forma das superpopulações relativas os (as) trabalhadores(as) que por exemplo são expulsos do campo pela mecanização como por exemplo, o caso da indústria sucroalcooleira que, ao mecanizar o corte de cana de açúcar, uma colheitadeira substitui 99 cortadores. Contudo, se o capital está em modificação da sua composição orgânica, relação de investimento do capital constante e capital variável, no capitalismo, o movimento predominante é que há um crescente investimento no capital constante em diminuição proporcional do investimento no capital variável.

O que ocorre é que durante o século XX os monopólios, para garantir altos índices de lucro, o que Mandel (1995 p. 223) compreendia que seria uma dupla taxa média de lucro um do capital de que chamou livre concorrência e outra que seria dos monopólios, ou onde os monopólios aplicavam seu capital produtivo. Essa busca de lucros extraordinários

⁹ Disponível em <https://jornal.usp.br/ciencias/pandemia-duplica-contingente-de-trabalhadores-vulneraveis-no-brasil/> acessado em 29 de maio de 2021.



estimulava sempre uma tentativa de incrementar a produção para produzir abaixo da média de tempo socialmente necessário. O que levou uma passagem muito rápida da segunda revolução industrial para terceira e desta em transição para quarta. O que isto significa que ao mudar a composição orgânica do capital há uma economia de trabalho e, portanto, de postos de trabalho.

A pandemia de forma didática reafirma que o trabalho é fundamental para geração do lucro, visto que o lucro é parte apropriada da mais valia gerada em um determinado ramo produtivo, e distribuída pelos capitalistas que investem na produção e circulação do capital-mercadoria. Para tanto, voltamos a um elemento específico da pandemia do COVID-19, o coronavírus ao entrar no corpo humano ele pode “circular” pela corrente sanguínea por todo corpo, mas se aloja especialmente nos pulmões criando uma grande infecção respiratória o SARS e neste caso, pode levar ao óbito, isto se deve que na maioria dos casos o vírus adentra o corpo pelas vias aéreas. E uma das formas de evitar que as pessoas se contaminem é pelo distanciamento social.

Milhares de manifestantes anti-lockdown marcharam pelo centro de Londres neste sábado (24), apesar de restrições a grandes aglomerações durante a pandemia de Covid-19. O evento foi batizado pelos organizadores de “União pela Liberdade”. Eles consideram as restrições para combater a Covid-19 desnecessárias e uma violação de direitos humanos. Manifestantes gritaram “liberdade” e “tire sua máscara” e alguns carregaram cartazes dizendo “não aos passaportes sanitários” e “lockdown mata”. A maioria estava sem máscara¹⁰.

Importante frisar, que as manifestações no Brasil não foram pautadas pelo grande capital, mas pela pequena burguesia, o médio capital que sente mais o fechamento do comércio e do setor produtivo. A outra forma de comprovar que o trabalho gera o valor e a riqueza no mundo capital. Outrossim, a lei do valor trabalho é observar que com menos horas trabalhadas uma queda brusca do PIB no país.

Em 2020, tendo em vista os efeitos adversos da pandemia de Covid-19, o PIB (Produto Interno Bruto) caiu 4,1% frente a 2019, a menor taxa da série histórica, iniciada em 1996. Houve alta somente na Agropecuária (2,0%) e quedas na Indústria (-3,5%) e nos Serviços (-4,5%). O PIB totalizou R\$ 7,4 trilhões em 2020. O PIB *per capita* alcançou R\$ 35.172 em 2020, com queda de 4,8% em termos reais. Esta também foi a menor taxa da série histórica. Em relação ao 4º trimestre de 2019, o PIB caiu 1,1% no último trimestre de 2020. Foram registrados resultados negativos na Agropecuária (-0,4%) e nos Serviços (-2,2%), enquanto a Indústria (1,2%) cresceu¹¹.

¹⁰ Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2021/04/24/por-liberdade-manifestantes-protestam-contra-lockdown-e-m-londres> acesso no dia 31 de maio de 2021 as 23:56.

¹¹ Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30165-pib-cai-4-1-em-2020-e-fecha-o-ano-em-r-7-4-trilhoes> acessado no dia 01 de junho de 2021 as 00:54.



Ao debater a atualidade do valor em Marx na pandemia, é necessário buscar outras referências em outros grandes autores marxistas que visam observar como se desenvolve o capitalismo atualmente. O setor de serviços é um dos setores que mais absorve força de trabalho e mais amplia a produção do valor como veremos. O setor de serviços é, em sua grande maioria, atualmente pelas por meios de TICs que é um trabalho precarizado que exige um trabalhador e trabalhadora com certa especialização.

O resultado dessa processualidade é que, em todos os espaços possíveis, os capitais convertem o trabalho em *potencial* gerador de mais-valor, o que inclui desde as ocupações, tendencialmente em retração em escala global, que ainda estabelecem relações de trabalho pautadas pela formalidade e contratualidade, até aquelas claramente caracterizadas pela informalidade e flexibilidade, não importando se suas atividades são mais intelectualizadas ou mais manuais. (ANTUNES 2018 p. 36).

O autor busca compreender que a produção capitalista necessita para o que podemos chamar D-M-D' uma gama de trabalhos, que antes eram improdutivo, se tornam produtivos. Neste sentido ocorre uma metamorfose dos serviços, tornando-se uma oportunidade de absorver trabalho assalariado e criar valor. Setores de serviços que eram anteriormente estatais agora com a privatização, geram valor e mais-valor. Esse setor de serviços em sua maioria é um grande laboratório das relações de trabalho precarizadas. Para que não pare dúvidas que se entende como trabalho precário em suma, o trabalho sem regulamentação social, sem direitos, em sua maioria trabalho pago por peça, sem descanso ou férias regulamentado, que ideologicamente é chamado de empreendedorismo. A pandemia piorou essa relação para esses (as) trabalhadores (as):

Os impactos econômicos da pandemia da covid-19 já são sentidos na oferta de empregos com carteira assinada. Segundo dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, o Novo Caged, os meses de março – quando a pandemia chegou ao Brasil – abril e maio apresentaram uma redução de 1 milhão e 487 mil empregos formais. Wilson Amorim, professor associado do Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA)¹² da USP, explica que, nesse quadro, aumenta-se a informalidade na ocupação e, conseqüentemente, a precarização das relações de trabalho¹³.

“A taxa de desocupação para o primeiro trimestre (de dezembro a fevereiro) de 2021 foi de 14,4%, anunciou hoje (30) o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Isso

¹² Disponível em <https://jornal.usp.br/atualidades/pandemia-da-covid-19-acentuou-precarizacao-das-relacoes-de-trabalho/> acessado no dia 05 de junho de 2021 as 12:10

¹³ Disponível em <https://jornal.usp.br/atualidades/pandemia-da-covid-19-acentuou-precarizacao-das-relacoes-de-trabalho/> acessado no dia 01 de junho de 2021 as 01:10



significa que 14,4 milhões de pessoas estão desempregadas atualmente no Brasil¹⁴. Apenas para destacar que mesmo com o decreto do fim da pandemia no dia 25 de março de 2022 a taxa de desemprego diminuiu de 14,4% para 11,2% o que significa ainda aproximadamente 12 milhões de pessoas.

Essa precarização provoca na relação capital *versus* trabalho uma possibilidade de ampliação da mais valia, com uma forma de extração tanto de mais valia relativa, na medida com as TICs é incrementada a produção, e acentua o que Ruy Mauro Marini apontava como elemento da dependência a superexploração que provoca um rebaixamento da força do valor do trabalho e desta maneira, compensa o baixo incremento em tecnologia em relação ao capitalismo central. E ao mesmo tempo uma mais valia absoluta que aumenta a jornada sem limites em muitos casos sem remuneração. E esse conjunto de fatores fazem aumentar a acumulação de capital.

Mesmo com a pandemia dizimando economias e jogando bilhões de pessoas na pobreza, a Forbes registrou número recorde de bilionários na lista que produz anualmente com o ranking dos países. Segundo o levantamento, 2.755 bilionários estão espalhados em 70 países. No Brasil, o número de nomes na lista subiu 44%: eram 45 bilionários no começo de 2020 e agora são 65 pessoas, acumulando um patrimônio de US\$ 212 bilhões de dólares. O número 1 da lista brasileira é o empresário Jorge Paulo Lemann, com fortuna avaliada em US\$ 16,9 bilhões¹⁵.

Ao passo que a pobreza e a extrema pobreza aumentaram, podemos constatar que a tese já exposta neste artigo da concentração e centralização do capital ainda se faz presente. Que a categoria de pauperismo relativo e absoluto se manifesta com o aumento da precarização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a pandemia, sob o prisma da abordagem da crítica da economia política, que se tornou pedagógica para reafirmar as teses centrais da criação do valor. Além de observar suas manifestações como a centralização do capital, a relação da acumulação com a superpopulação relativa em suas formas desenvolvidas por Marx e na atualidade que se manifesta em uma precarização.

Por certo, o aumento de trabalhadores desempregados ou em empregos precários e em condições de superexploração, afetou de alguma forma a economia como um todo,

¹⁴ Disponível em

<https://vocesa.abril.com.br/economia/brasil-tem-144-milhoes-de-desempregados-maior-numero-da-serie-historica/> acessado no dia 04 de junho de 2021 as 19:30

¹⁵ Disponível em

<https://www.istoedinheiro.com.br/mesmo-com-pandemia-numero-de-bilionarios-bate-recorde-65-no-brasil-veja-a-lista/> acessado no dia 01 de junho de 2021 as 01:20



quando refletimos sobre as classes sociais em maior número no país, contudo, em nada afetou a elite, detentora dos meios de produção, que, ao contrário, acumularam ainda mais e tornaram-se ainda mais ricos mesmo diante da crise. A política estatal, gerenciada aos interesses do capital, também se demonstraram insuficientes para diminuir os efeitos catastróficos gerado pela pandemia, aos trabalhadores, inclusive deixando bem claro o foco principal em salvar as grandes empresas e privatizar ao máximo, bens públicos.

Por certo, os impactos da Pandemia COVID-19 e o avanço de contrarreformas bem como políticas públicas que mantém privilégios para interesses do grande capital, produzirá efeitos ainda mais drásticos entre os trabalhadores e classe média, ainda que esta última não se enxerga como parte dos que sentiram na própria carne, o quanto uma política entreguista e submissa aos interesses do capital internacional, especulativo e para a elite, afetará também a qualidade de vida e sentirão impactos no poder de compra.

A teoria do valor em Marx, nos permite analisar com riqueza a conjuntura atual em que vivemos, ainda que para demonstrar que a produção de riqueza e lucro, possui uma tendência a ser centralizada nas mãos de uma elite detentora dos meios de produção e que o salário da classe operária servirá tão somente para permitir a subsistência e, com isso, vemos o avanço da superexploração dos trabalhadores através de uma falsa cultura do empreendedorismo, o qual expõe ainda mais os trabalhadores em condições precárias e de superexploração, através dos aplicativos, os quais vêem-se livres das obrigações trabalhistas mas apropriam-se da mais valia destes trabalhadores.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaio sobre as metamorfoses do mundo do trabalho e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: Cortez: Ed. Unicamp, 1997.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da Servidão**: o novo proletariado de Serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2005.
Centro de Defesa das Representações Operárias: **Manual de Defesa das Cipas**, CEDRO, São Paulo, 1988.

FERNANDES F. **A Revolução Burguesa no Brasil**: Ensaio de Interpretação Sociológica. São Paulo: Globo, 2008.

KURZ, Robert. **O colapso da modernização**: da derrocada do socialismo de caserna a crise da economia mundial. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.



LOJKINE, Jean. De la révolution industrielle à la révolution informationnelle. In: BIDET, Jacques; TEXIER, Jacques. *La crise du travail: actuel Marx confrontation*. Paris, Presses Universitaires de France, 1995.

LENIN, W. I. **O imperialismo**: fase superior do capitalismo. São Paulo: Centauro, 2005.

LUKÁCS, György. **Conversando com Lukács**, São Paulo: Terra e Paz, 1969.

MARINI, Rui M. Dialética da Dependência. In: **Rui Mauro Marini vida e obra**, Traspadini R. Stedile J. P. (orgs). São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Pesquisa qualitativa**: instigante desafio. São Paulo: Veras, 2006.

MARX, Karl. **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. v. 3. t. 6.

_____. **O capital**: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. L. 1. v. 1. t. 2.

_____. **Manuscritos econômicos filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. **O capital**: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. L. 1. v. 1. t. 1.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: uma teoria de transição. São Paulo: Boitempo, 2002.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo monopolista e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2002.

PRADO JÚNIOR, Caio. **A história Econômica do Brasil**. São Paulo: Vozes, 1994.